

## Biologia do Amor e Análise Bioenergética: A Linguagem Corporal na Terapia Sistêmica Relacional

Maria Fernanda Galvão de  
Andrade Lima<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Local Trainer em Análise Bioenergética, Terapeuta Sistêmica de Casal e Família. Faz parte como professora da Formação Clínica Nacional em Análise Bioenergética, Formação em Terapia de Casal e Família promovida pela Libertas Clínica Escola, em Recife - PE e Natal - RG, Brasil. É supervisora em ambas as áreas. É Diretora da clínica Horizonte Desenvolvimento Humano. Ministra cursos e palestras pelo Brasil. É autora de artigos no Brasil e da Revista Latino-americana de Psicologia Corporal. Autora do livro: *Firmando passos: Saúde mental pela prática da convivência*, com os autores Adriana Andrade Lima e Alberon Lopes. (2015) Recife, Libertas. fernanda.horizonte@gmail.com

**Resumo:** Desde 1950 a comunicação tem sido uma das principais dificuldades no sistema familiar. A Terapia Familiar tem o objetivo de ajudar os membros dos seus sistemas a buscarem a compreensão de sintomas e tensões geradoras de sobrecarga. Também, reconhecer as dificuldades que provocavam os problemas para compreendê-las. Assim, cada parte e membro familiar pode contribuir para as mudanças. O presente estudo reflete sobre as interferências que torna uma família disfuncional, ou seja, fenômenos que podem gerar falta de equilíbrio e se perpetuar. Muito ainda se tem a pesquisar sobre a linguagem não verbal nas práticas terapêuticas com casais e famílias porque na busca científica deste tema ainda existem poucos artigos publicados.

**Palavras-chave:** Comunicação, Terapia familiar, Linguagem não-verbal.

## Love Biology and Bioenergetic Analysis: Body Language in Relational Systemic Therapy

**Abstract:** Since 1950, communication has been one of the main difficulties in the family system. Family Therapy aims to help members of their systems to seek understanding of symptoms and tensions that generate overload. Also, recognize the difficulties that caused the problems to understand them. Thus each part and family member can contribute to the changes. The present study reflects on the interference that makes a family dysfunctional, that is, phenomena that can generate lack of balance and perpetuate itself. Much has yet to be researched about nonverbal language in therapeutic practices with couples and families because in the scientific pursuit of this theme there are still few published articles.

**Keywords:** Communication, Family therapy, Nonverbal language.

## Introdução

Desde 1950 a comunicação é uma das principais dificuldades no sistema familiar. O MRI (Mental Research Institute) teve como uma das principais preocupações de psiquiatras e equipes transdisciplinares entender as relações familiares como integradas e interdependentes. Em suas pesquisas, e primeiras intervenções a interdependência de conflitos e sintomas nas famílias começam a ser estudadas e trabalhadas de forma interativa e comunicacional. As primeiras escolas se preocuparam em facilitar e em atuar de forma mais diretiva para facilitar a solução de conflitos através das abordagens sistêmicas e interacional. Uma das primeiras escolas surgiu da Teoria das Comunicações que foi desenvolvida por Gregory Bateson, Milton Erickson, o antropólogo e o alienista, entre outros, Jay Haley, Don Jackson, John Weakland, Virginia Satir e Paul Watzlawick.

Algum tempo depois estas primeiras escolas foram sendo criticadas por uma atuação até impositiva, uma vez que, havia atuações demasiadas focadas em soluções. Com a evolução do pensamento sistêmico e os novos pressupostos contemporâneos vem se dando mais ênfase aos fenômenos interacionais da Teoria da Complexidade e da Teoria da Cibernética, entendendo os sistemas como processos abertos em evolução e transformação, instabilidade e intersubjetividade. Atualmente se consolidam e se desenvolvem teorias e práticas baseadas na visão em que cada sistema tem seu funcionamento próprio, homeostase, que se equilibra entre as suas partes, criando seu jeito de comportar-se. Em algum momento, esse sistema, pode se desequilibrar necessitando de mudanças. Então, alguma parte gera sintomas que podem ocasionar uma tensão, possibilitando ou não, o sistema se adaptar e se reequilibrar, ocorrendo então, o feedback positivo.

Em outros momentos o sistema se mantém em desequilíbrio provocando dificuldades no todo. Se houver tensões, ou estímulos para mudanças, e mesmo assim o sistema não operar movimentos diferentes, então ocorre o feedback negativo, trazendo

consequências gerais, ou sobrecarregando alguma parte. Feedback negativo é quando o conflito continua presente e acomoda o sistema a continuar na zona de desconforto.

A Terapia Familiar se originou para ajudar os membros dos seus sistemas buscarem a compreensão de sintomas e tensões geradoras de sobrecarga e, reconhecer as dificuldades que provocavam os problemas para compreendê-las. Assim, cada parte e membro familiar pode contribuir para as mudanças. Em todas essas interferências ocorre o que se denomina família disfuncional, ou seja, fenômenos que podem gerar falta de equilíbrio e se perpetuar. A família funcional diferentemente, conta com forte aliança e colaboração na conjugalidade, parentalidade, hierarquia e no processo de individualidade. Fortalece a posição de cada membro, mas mantém a permeabilidade no processo de dependência/independência mantendo, o apoio mútuo. O objetivo desse artigo é se basear nos fundamentos socioeducacionais e biológicos do neurobiólogo Humberto Maturana (1998, 2001, 2004); na Escola Relacional Sistêmica; citar também algumas escolas e autores no desenvolvimento da Terapia de Casal e família, e por fim, introduzir fundamentos teóricos e práticos da contribuição da Análise Bioenergética, uma abordagem da psicologia corporal, na contribuição da Terapia Sistêmica.

### **Comunicação: Herdeira da Psicanálise, Fertilizando os Descendentes Sistêmicos.**

É fundamental destacar a importância da Psicanálise tanto na Teoria Sistêmica como na Análise Bioenergética. Os pontos fundamentais que nunca deixei de trabalhar é a própria técnica da associação livre, em uma outra posição terapêutica e com diferentes intervenções técnicas, onde Freud (1980). Birman (1999) depois do seu trabalho com a hipnose, que também foi e ainda é, uma técnica utilizada por profissionais da Terapia Familiar, compreendeu que mesmo diante das intervenções hipnóticas, com alguns clientes não havia progressão. A partir desse novo olhar por mais importante que seja trabalhar o discurso, repetindo e elaborando tudo que lhe vem à cabeça, por mais estranho que parecesse essas narrativas, principalmente, diante dos traumas infantis,

sejam na clínica com atendimentos individuais, sejam com casais, famílias, grupos e instituições, a Terapia Relacional Sistêmica passa a entender o sujeito no contexto vincular e social. Temos traumas inconscientes que interferem no campo sistêmico. É importante destacar que ocorrem as transmissões psíquicas de uma geração para outra, conteúdos reprimidos inconscientes, dolorosos, ou não, intergeracional e transgeracional.

Trachtenberg (2013), em seu artigo no livro sobre Transgeracionalidade, coloca que os fenômenos intergeracionais se repetem entre as gerações, já os transgeracionais, ocorrem através dos sujeitos e gerações, mesmo tendo um espaço temporal longo de uma geração para outra. O processo vincular se inscreve na memória e na história. “Transmitir é fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história, afetos de uma pessoa para outra, de um grupo para outro, de uma geração para outra.” (TRACHTENBERG, 2013, p.131). Precisamos expressar como nos sentimos através da comunicação e interpretações. Ter a expressão e escuta emocional, de **um outro**, para desenvolvermos nossa sensação existencial de pertencimento e desenvolver interações “**como legítimo outro**” (MATURAMA, 2002, p.22).

A grande revolução do inconsciente na subjetividade é sabermos que somos muito mais do que pensamos, e temos comportamentos repetitivos e compulsivos interferindo em todos os nossos relacionamentos. A energia psíquica que a psicanálise denominou de libido, continua ativa nas nossas sensações, pensamentos e se tornam um padrão pessoal e interpessoal que nós não temos acesso consciente, mas ficam registradas no nosso organismo e são transmitidas geração após geração. Entendo Freud e a Psicanálise como uma revolução no campo do comportamento humano até hoje, porque não existe processo psicoterapêutico sem o resgate da nossa parentalidade e conflitos vinculares na família sistemicamente, sem contextualizar nossa ancestralidade. Desde os traumas do desenvolvimento psicosssexual infantil, ao mau estar da civilização, até nossos Totens e Tabus.

Hoje em pleno século XXI, ressalto que trabalhamos o discurso com todas as suas representações, simbologias, valores e crenças enquanto comunicação verbal.

Como terapeutas, se compreende a subjetividade desse discurso verbal, necessitando da comunicação também através dos signos que revelam a potência do inconsciente.

Vera Calil (1987), no tópico família e comunicação, enfatiza os estudos e práticas de vários autores que precisaram estudar a comunicação em seu campo mais amplo, ir além, da técnica psicanalítica. A Terapia Sistêmica em suas diferentes Escolas concluem que não há vínculo sem comunicar-se, “não existe uma mensagem simples, pelo contrário, as pessoas enviam e recebem uma multiplicidade de mensagens, através de canais verbais e não verbais.” (p.25).

Para Maturana, em seus fundamentos na Árvore do Conhecimento (2001), emoções e linguagem na Educação Política (2002) e Amar e Brincar, Fundamentos Esquecidos do Humano (2011), “tudo que é dito, é dito por alguém” (2001, p.32.) Toda comunicação se baseia em reflexões e ações, então nossas ações estão em todo nosso SER, e fez surgir um mundo de interações e conhecimento. Nosso mundo está associado às raízes mais profundas que estão na base biológica da nossa existência. Sobrevivência significa comunicação. Maturana (2002) usa o termo “linguajar” para refletirmos que o processo cognitivo não existe sem o emocionar e, que conversações é um princípio básico que envolve ternura, sensualidade e colaboração.

Em suma, penso também que o modo de vida no qual surgem às coordenações, na intimidade, na sensualidade e no compartilhar, dando assim origem à linguagem, pertence à história da nossa linhagem há pelo menos 3,5 milhões de anos. E digo isso levando em conta o grau de envolvimento anatômico e funcional que nosso cérebro tem com a linguagem oral. (MATURANA, 2002, p.21).

Para Maturana e Gerda verden-Zoller (2011), a convivência e a sexualidade se iniciaram com a partilha de alimentos e o cuidado com o grupo, independente de gênero. No contexto inicial interrelacional a convivência era vivida de forma emocional desde o brincar através da intimidade natural da corporeidade, baseadas na espontaneidade, na confiança e aceitação mútua na legitimidade do **outro**. As mudanças desse entrelaçamento, ternura, brincar, sensualidade e colaboração foram se dando nas transformações geracionais do linguajar cultural, dando ênfase nessa ruptura da biologia

do amor, especialmente na cultura patriarcal que reforçam a autoridade, distinções de gênero, controle, exigência e abuso.

Para Minuchin (1990), a postura e comunicação do terapeuta precisam acontecer através de dois aspectos muito importantes: o primeiro é pela intersubjetividade, que é capacidade do terapeuta se sentir, e estar, fazendo parte do sistema. O segundo de se mover nas relações observador e observantes, desenvolvendo alianças com todos os membros, sem que nenhum destes se sinta excluído. Minuchin (1990) destaca a formação do terapeuta e a sua espontaneidade:

No caminho para sabedoria, o terapeuta se encontra movimentando-se de observações de transações particulares para generalizações sobre estrutura...Neste processo de procurar sabedoria para além do conhecimento, o Terapeuta descobre que possui um repertório de operações espontâneas. Agora pode começar a aprender por si mesmo. (MINUCHIN,1990, p.19-20).

Andolfi (2018), em seu último livro, dedica um capítulo à linguagem corporal na Terapia Familiar Multigeracional, Instrumentos e Recursos do Terapeuta (p.159-175). Para ele, a linguagem corporal é tão importante quanto a verbal, desde o olhar que expressa às emoções e a forma de se comunicar. Destaca como a comunicação tem sua forma implícita que pode sinalizar e complementar o que é dito, e o que não é dito. “Todos os sinais assumem um valor afetivo e significativo: fala-se com o corpo, com o olhar, com a postura, a entonação e com a pausa entre as palavras” (ANDOLFI, 2018, p.139). Para ele é com o corpo que o modo de comunicação é a forma mais espontânea de expressão. O silêncio também transmite o que o organismo cala. Também enfatiza a distância e a proximidade que estão imbuídas de sentido, e que sempre trazem expressões emocionais, posições e fronteiras de intimidade ou evitação, até a própria paralização. Andolfi (2018) se coloca também como um terapeuta que se move, e nesse movimentar-se o contato físico é a “a força vital é a qualidade comum a todos os seres vivos, uma espécie de Gestalt global que, diz Stern, brota das experiências de movimento, força, tempo, espaço e intenção em relação, aos eventos vivenciados” (p.174).

## **Terapia Relacional sistêmica na gestação da Análise Bioenergética: família e intervenções corporais**

Essa gestação não é de nove meses, se iniciou quando fiz o curso de Terapia de casal e Família na Universidade Federal de Pernambuco nos anos de 2008 a 2009, quando o professor e supervisor Roberto Faustino me surpreendeu no momento em que lhe falei que já tendo Formação em Análise Bioenergética, não sabia trabalhar sem o corpo, sem respirar e me movimentar junto às famílias através das intervenções corporais da Bioenergética, sorriu e me disse: “Desde que você tenha como base a Terapia Sistêmica”. Atualmente o pressuposto mais importante da Análise Bioenergética é que, nós não temos um corpo, nós somos um corpo, então complemento, que: “temos um corpo sistêmico.” Apesar de a Análise Bioenergética ter se desenvolvido com Dr. Alexander Lowen e Jonh Pierrakos, articulando os fundamentos da Psicanálise do desenvolvimento psicosssexual e as relações objetais na fase pré-genital com os Fundamentos de Wilhelm Reich sobre a Análise do Caráter, Reich (1994, 1995) também entendeu que era necessário trabalhar além do discurso do cliente focando aonde as resistências dos traumas infantis vão desenvolvendo um processo de “encouraçamento” interferindo na potência emocional e afetando todas as áreas da vida do sujeito.

O processo de encouraçamento somático interfere na dinâmica intrapsíquica e interpssíquica causando danos emocionais e psicossomáticos nos relacionamentos, sexualidade e até na própria posição sociopolítica na vida. A couraça atinge diretamente o organismo, iniciando pelas tensões emocionais e enrijecendo blocos de músculos formando anéis de tensão: ocular, oral, cervical torácico, diafragmático, abdominal e pélvico, que através da respiração, exercícios corporais espontâneos e de toques terapêuticos, podem dissolver a rigidez e dor muscular. Reich percebeu que essas tensões cediam, e a expressão emocional dos traumas relatados se liberavam. Diante desse processo de expressão emocional e elaboração, o cliente passava a ter outra qualidade de desenvolvimento na vida.

Alexander Lowen, foi aluno e cliente de Reich, e foi desenvolvendo a Análise Bioenergética com estrutura em seus princípios básicos. Como Pioneiro da psicologia corporal, Reich passou a ter uma atitude mais ativa com o sujeito relacionando a tudo que era dito através de tudo que era sentido, também através da leitura corporal dos anéis de tensão na incapacidade e perda da expressão dos afetos e da espontaneidade. Lowen, através da Análise Bioenergética (1983) promoveu mudanças para contribuir com a Psicologia Corporal. “A primeira mudança é colocar o paciente de pé e tirá-los da posição deitado no divã, apropriada da abordagem Psicanalítica na qual Reich atuou”. Constrói o conceito de *grouding*<sup>1</sup> e, desse modo, observa o grau de integração que o paciente tem entre seus pés no chão. (KRUSUL, A. 2014, p.26.)

Atualmente a Análise Bioenergética vem se expandindo em vários campos além do *setting* terapêutico na clínica de Psicologia e utilizando novas ferramentas e recursos: práticas de autoconhecimento, grupos de movimento, psicologia organizacional/gestão de equipes e desenvolvimento humano, área educacional, saúde mental, comunitária, desastres e emergências, e cursos de pós-graduação de casal e família (ANDRADE LIMA, 2014, p.30-32)

Desde os primórdios da Terapia Sistêmica a partir das escolas clássicas até as escolas contemporâneas, muitas abordagens se desenvolveram com o objetivo de compreender e construir recursos para lidar com os conflitos nos sistemas familiares, comunicação e vínculo.

Todas as escolas trazem como um dos objetivos básicos facilitar a comunicação entre os membros do sistema, para tal, a linguagem mais usada é a verbal, que têm algumas dificuldades não só no conteúdo do discurso, mas, sobretudo na forma imbuída de emoções e a interpretação na sua subjetividade e singularidade. A complexidade do comunicar-se provoca, muitas vezes, a intensificação do conflito nos sistemas podendo

---

<sup>1</sup> O Grouding, inicialmente, foi um exercício desenvolvido pela Análise Bioenergética, no qual a pessoa fica em uma posição vertical com joelhos flexionados e também faz um movimento de curvatura em arco levando os dedos a tocarem no chão em contato com a respiração, aprofundando o centramento e alinhamento físico para desenvolver o seu enraizamento. Ter mais contato com suas emoções e aprofundar a percepção interna em relação à percepção externa para desenvolver o processo de expansão na corporeidade.

dificultar o processo interrelacional. Podemos observar os fenômenos que essas vozes provocam. Ao fazermos a leitura corporal daquilo que é dito, ou não dito, percebemos como todos são afetados através do olhar e da forma que se expressam: movimentos corporais, postura e as emoções que emergem.

É importante também incluir novas técnicas que possam trabalhar com esses fenômenos emergentes no processo sistêmico. A Psicologia Corporal baseada nos fundamentos de Wilhelm Reich e Alexander Lowen propõe a nossa atenção além do conteúdo discursivo, mas também na forma de expressão emocional e nas defesas corporais possibilitando intervenções através da respiração, do toque e de alguns exercícios que facilitem a comunicação, a dissolução do conflito para o fortalecimento dos laços familiares.

No artigo de Bedrosian (2015), Analista de Bioenergética, apresenta exercícios de Bioenergética na Terapia de Casais “A energética da Terapia de Casal”. Este pontua que trabalhar consciência corporal através dos exercícios de \bioenergética facilita a compreensão das feridas infantis do desenvolvimento com suas crenças geracionais em relação a si e ao parceiro. Acredita, portanto, poder favorecer um suporte e autorregulação necessária aos parceiros para desenvolver uma comunicação mais aberta e restauradora diante dos conflitos relacionais. Em sua prática clínica, Bedrosian, desenvolveu exercícios na luta de poder e competitividade, intervenções contra negatividade, exercícios cooperativos, exercícios de conexão/continente e exercícios de apoio e receptividade (2015, p.92-96). Conclui em seu artigo “Confio no processo e acredito que a autêntica necessidade de amar e ser amado levará a cura, autenticidade e intimidade (BEDROSIAN, 2015, p. 96).

## **O nascimento e o desenvolvimento da Análise Bioenergética na Família**

Pretendo nesse tópico trazer fundamentos e práticas da Análise Bioenergética inseridas na minha clínica psicoterapêutica com casais e famílias incluindo como

referência o artigo de Solange Rosset (2008) com o qual me identifico muito. Como citado, tanto Reich como Lowen, tiveram como pilares de sua prática, a concepção de que o organismo é uma unidade psicossomática e que todas as funções tem interdependência: pensamento, emoção, ação e o processo vincular fazem parte do nosso padrão de funcionamento.

Para Reich (1994, 1995) a autorregulação é um processo natural de homeostase com funções expressivas de receber, dar e trocar. Para Lowen, em sua biografia, (2007) traz a postura de *grounding* no processo terapêutico como um momento de estarmos na verticalidade do nosso funcionamento, para nos enraizarmos e nos conectarmos com a complexidade dos conteúdos internos, em contato com a realidade externa: aquilo que é subjetivamente sentido, em contato com o que é objetivamente percebido. A partir do *grouding* podem ser propostos novos movimentos que facilitem a integração e expressão emocional do conteúdo que está impedindo o desenvolvimento pessoal vincular em relações de parentalidade, família nuclear e a posição coletiva, profissional e social. Para Weigand (2006), analista bioenergética, o *grouding* vai além do enraizamento vertical e possui várias dimensões, desde a concepção, nascimento até a **adltualização**.

Quando a criança está sujeita a cuidados dissonantes, há um desenvolvimento prematuro do ego e dificuldades em adquirir um *grouding* adequado na vida adulta. A instalação do choque cefálico, afetando o cérebro fisicamente e no seu funcionamento, favorece a cisão entra as funções corporais, o ego consciente e as emoções. Na vida adulta, essa cisão levaria ao uso distorcido da cognição, bem como a um prejuízo na autorregulação emocional. (WEIGAND, 2006, p.61).

Na terapia de casais e famílias a empatia e o *self* do terapeuta na intersubjetividade nos permite sentir os impactos na autorregulação emocional e suas disfuncionalidades, fronteiras e emaranhamentos dificultando a conectividade e desenvolvendo conflitos multigeracionais. Para trabalhar conteúdos importantes

transgeracionais, venho desenvolvendo intervenções sistêmicas corporais através dos fundamentos reichianos, neo-reichianos e através de exercícios corporais de *Grouding*<sup>2</sup>.

1- *Grounding* e ancestralidade: possibilita um momento muito importante com exercícios horizontais e braços para o alto, reconectando e integrando somaticamente partes de histórias que foram negadas, silenciadas, tiveram fortes rupturas e secretamente contidas.

2- *Grounding*, pertencimento e conectividade: o trabalho com o segmento ocular. Simplesmente, se olharem e expressar emoções, muitas vezes revelam as sombras, a negatividade e fragilidade. Possibilidades de se reverem, movimentos da não integração para a integração. Ouço muitas elaborações como: “Há quanto tempo à gente não se via!” Agora posso lhe ver”

3- *Grouding*, Hierarquia, continência e limites: as posturas de aproximação e distanciamento emocional, a escultura familiar, bem como exercícios no segmento torácico, podem possibilitar maior integração e trocas de afetos, sejam negativos, sejam positivos. Buscar maturidade de expressão no sistema familiar.

4- *Grouding*, crescimento, liberação e libertação: nesses exercícios utilizamos o segmento pélvico, muitas vezes, de forma lúdica para conexão da vitalidade organísmica. Trabalhamos também desde a horizontalidade, sentar e levantar, agachamento, círculos e diversos contatos com braços e mãos. Tudo isso a partir das possibilidades dos casais e famílias.

5- *Grouding* e ciclos de vida: possibilitam através de vários tipos de movimento, os caminhos de cada um a partir da linha do tempo, podendo fazer um genograma corporal da transgeracionalidade para se reencontrarem no processo de conectividade/ individualidade/ diferenciação.

6- *Grounding* e circularidade na comunicação dos afetos: esses exercícios dependem da espontaneidade e do *self* do terapeuta que criativamente brinca, utiliza

---

<sup>2</sup> Esses exercícios de *Grounding* vêm sendo desenvolvidos por mim com intervenções corporais no *setting* terapêutico com casais e famílias.

materiais expressivos, seu próprio contato físico e inventa com, e no sistema, novas maneiras de conviver.

Os “*groudings*” se desenvolvem no conviver, no resgate do brincar, na ternura, sensualidade e colaboração. Na circularidade afetiva, com o *Self* e emoções do sistema.

Nesta altura da vida, curei praticamente minha cisão mente-corpo condição mantida somente graças a um processo contínuo de trabalho diário com o meu corpo. Vivenciar a vida do corpo é um processo incessante, e alcançar a sua longevidade é sua recompensa. A terapia deve desafiar nossas cisões: pensamento x sentimento; fazer x ser; controlar x abrir mão; descarga sexual x amor. (LOWEN, 2007, p.19.)

### Considerações Finais

A partir das contribuições do neurobiólogo Humberto Maturana (1998, 2001, 2004), da releitura constante das Escolas Terapêuticas pioneiras e contemporâneas, reencontro técnicas para facilitar o desenvolvimento e a comunicação e, em especial, a comunicação não verbal, que nos trazem tantas pérolas que se abrem e nos mostram novas possibilidades. Em minhas pesquisas e prática clínica percebo muitas semelhanças entre a atuação do Analista Bioenergético e do Terapeuta Sistêmico, especialmente na escuta emocional, alianças terapêuticas com todas as partes do sistema, o movimento, criatividade, espontaneidade e o *Self* do Terapeuta. Nesse artigo relato e cito a contribuição das minhas pesquisas e práticas com as ferramentas das intervenções corporais. Também estou levando para a Análise Bioenergética a ampliação da visão Sistêmica em todas as áreas da Psicologia Corporal, e sinto integrando em meu SER Terapeuta, a **corporeidade sistêmica**. Muito ainda se tem a pesquisar sobre a linguagem não verbal nas práticas terapêuticas com casais e famílias porque na busca científica deste tema ainda existem poucos artigos publicados. Tenho pesquisado, praticado e percebido que os exercícios da Análise Bioenergética têm contribuído na comunicação dos sistemas, na dissolução dos conflitos,

autoconhecimento e fortalecimento dos relacionamentos transgeracionais e multigeracionais.

## Referências

ANDOLFI, M. **A Terapia Familiar Multigeracional. Instrumentos e Recursos do Terapeuta.** Belo Horizonte, Artesã. 2018.

AUN,G. VASCONCELOS, M. COELHO, S. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais. Fundamentos teóricos e epistemológicos.** vol I. Belo Horizonte, Ophicina de arte e prosa. 2006.

AUN,G. VASCONCELOS, M. COELHO, S. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais. O processo de Atendimento Sistêmico.** vol II. Belo Horizonte, Ophicina de arte e prosa. 2007.

BEDROSIAN, G. **A Energética da Terapia de casal (2015) The Clinical Journal of the International Institute for Bioenergetic Analysis, vol (25).** Revista da Bioenergética Instituto Internacional de Análise bioenergética . 2015.

BIRMAN, J.. **Mal-Estar na atualidade, A Psicanálise e as novas formas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1999.

CALIL, V. **Terapia Familiar e de Casal.** São Paulo: Summus. 1987.

FREUD, S. **Obras Completas.** Volumes: VII, VOL IX, VOL XII, XVIII. Rio de Janeiro: Imago. 1980.

LOWEN, A. **Bioenergética.** São Paulo, Summus. 1983.

LOWEN. A. **Medo da vida. Caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo.** São Paulo: Summus. 1986.

LOWEN, A. **Uma Vida para o Corpo: Autobiografia de Alexander Lowen,** São Paulo, Summus. 2007.

MATURANA, H.; VERDEN-ZOULER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano.** São Paulo: Athena. 2004.



MATURANA, H. **A Árvore do conhecimento. As bases biológicas da compreensão Humana.** São Paulo: Palas Athena. 2001.

MATURANA H. **Emoções linguagem na educação Política.** Belo Horizonte: UFMG. 1998.

MINUCHIN, S. FISHMAN C, H. **Técnicas de Terapia Familiar.** Porto Alegre: Artmed. 1990.

NICHOLS, M. SCHWARTZ, **Terapia familiar - conceitos e métodos.** Porto Alegre: Artmed. 2007.

PIAUHY, C. ANDRADE LIMA, F. Aplicabilidade e campos de Atuação. **Análise Bioenergética: Transformação pessoal, Interpessoal e Social.** Recife: Libertas. 2014.

REICH, W. **Análise do Caráter.** São Paulo: Martins Fontes. 1995.

REICH, W. **A função do orgasmo.** São Paulo: Brasiliense. 1994.

ROSSET, S.M. **Terapia de família relacional sistêmica.** Revista Brasileira de Terapia Familiar, 1(1), 57-63. 2008.

VASCONCELLOS, M. **Pensamento Sistêmico. O novo paradigma da ciência.** São Paulo: Papirus. 2007.

TRACHTENBERG, A, KOPITKE, C, PEREIRA, D, CHEM, V, MELLO, V. **Trauma, Transgeracionalidade e Intergeracionalidade: uma Transformação Possível. Transgeracionalidade de Escravo a Herdeiro: Um Destino entre Gerações.** Porto Alegre: Sulina. 2013.

●